Título do Simpósio Temático: A ARQUITETURA DO LUGAR: VARIAÇÕES NOS LUGARES DA PLURALIDADE

# Replicar. Revitalizar. Repensar

**Lineu Castello** – Arquiteto (UFRGS), Urbanista (UFRGS), Doutor em Arquitetura (UFRGS), MPhil Urban Design/Regional Planning (University of Edinburgh, UK). Professor Titular, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

## Resumo

Categorizamos como lugar da pluralidade o lugar do lazer, do prazer, da mistura, do contrastante, dos “outros”, das diferenças, ou seja, aquela almejada diversidade que Jane Jacobs cobra dos urbanistas da corrente Modernista; ou a sociabilidade espacial pela qual William Whyte sempre batalhou com ardor; ou, até mesmo, a materialização da escala gregária do setor central de diversões previsto pelo projeto de Lúcio Costa para Brasília. Na proposição de nosso Simpósio observamos que é possível aceitar uma nuance classificatória nos lugares da Pluralidade, isto é, distinguimos lugares da pluralidade heterotópica; e lugares da pluralidade privatópica (uma dicotomia de cunho obviamente teórico). A expressão heterotopia é empregada no sentido que lhe dá o filósofo Michel Foucault (1997), significando o uso por diferentes grupos étnicos ou sociais de um lugar em que convergem os “outros”, as “alteridades”, como em “shopping malls”, museus, grandes estações de transporte. A expressão “privatopia” é empregada por referência ao livro de Evan McKenzie (1994), que a explica justificando que as privatopias resultam da ideologia de um lugar utópico construído por iniciativa do setor privado. O presente texto inicia com desdobramentos que buscam posicionar mais claramente as duas categorias de lugares da pluralidade, sintetizando algumas de suas características. Segue-se uma rápida ancoragem do tema nas reminiscências históricas que marcaram a evolução dos espaços urbanos plurais com força mais expressiva. A atualidade da construção de lugares da pluralidade é retratada a seguir, assinalando as ações contemporâneas empregadas com melhores resultados. Finalmente, a porção final do trabalho dedica-se a elaborar reflexões sobre tendências contemporâneas percebidas na Arquitetura dos Lugares, agrupando-as em três tipos de ações que se voltam a replicar, revitalizar e/ou repensar recursos ambientais

urbanos pré-existentes. Para ilustrar essas tendências são trazidos exemplos mundiais recentes que incluem, agora, no elenco de lugares de pluralidade peças menos usuais, como museus e bibliotecas.

**Abstract**

The place of leisure, pleasure, mixture, contrast, 'others' and of difference is in other words that desired diversity that Jane Jacobs so vehemently demands of Modernist planners, or the spatial sociability for which William H. Whyte always fought so ardently, or also even the materialization of the spaces forming the gregarious scale of the entertainment centre intended in Lúcio Costa's urban plan for Brasília. Our Symposium proposal accepts a classificatory nuance for Plurality, that is, places of heterotopic plurality can be distinguished from places of privatopic plurality (obviously a dichotomy of theoretical nature). The term heterotopia is used in the sense given it by Michel Foucault (1997), signifying the use of a place by different ethnic or social groups converging as 'others', in places such as shopping malls, museums or large public-transport stations. The term 'privatopia', is employed by reference to the book by the urban planner Evan McKenzie (1994), who explains it justifying that the privatopias result of the ideology of a utopian place constructed by initiative of the private sector. This article begins with developments that seek to position more clearly the two categories of places of plurality, summarizing some of their characteristics. It follows a quick anchoring of the subject in the historical reminiscences that marked the evolution of urban plural spaces with a more expressive strength. The current construction of the places of plurality is focused next, indicating the contemporary actions showing better results. Finally, the finishing portion of the paper is dedicated to develop reflections on contemporary trends perceived in the Architecture of Places, grouping them into three types of actions that involve to replicate, to revitalize and / or to rethink pre-existing urban environmental resources. To illustrate these trends, recent world-wide examples that nowadays include in the repertory of the places of plurality some less usual items, such as museums and libraries, are brought into the discussion.

**Palavras-chave**

Conceito de lugar  lugares de pluralidade  arquitetura dos lugares

## Introdução

Um dos resultados esperados com maior antecipação pelos arquitetos que desenham espaços públicos para as cidades contemporâneas é o de que esses espaços passem a se tornar percebidos pela população usuária como espaços de convívio coletivo – espaços plurais – espaços onde predomine a vivência humana caracterizada como de pluralidade. Em outras palavras, que se tornem percebidos como *lugares da pluralidade*. E – melhor ainda – que sejam apropriados pela população usuária como seus lugares de encontro e convivência preferidos, que ali se dêem as comunicações e trocas que acabam por tornar a vida nas cidades estimulante e repleta de qualidade. Em outras palavras, lugares onde se desenvolva o fenômeno da *urbanidade*.

Essa expressão – lugares da pluralidade – se encontra abordada com maior profundidade em livros que publiquei recentemente, "A Percepção de Lugar" (CASTELLO 2007) e "Rethinking the Meaning of Place" (CASTELLO 2010a), obras que objetivam debater o crescente interesse despertado pelos atuais avanços alcançados na *teoria de lugar*, especialmente em suas aplicações práticas na área de Arquitetura-Urbanismo. De fato, o conceito de lugar encontra hoje renovado interesse em nossa área, decorrente, em grande parte, dos expressivos êxitos obtidos com a projetação de novos lugares em ambientes urbanos, tanto dos pontos de vista econômico, quanto social e cultural. Pretende-se, neste, e nos demais textos que integram o presente Simpósio Temático, desdobrar uma das categorias taxionômicas empregadas naqueles dois livros – a dos lugares da pluralidade – e que neles são enfocados sob duas pequenas nuances conceituais que os distinguem como de pluralidade *heterotópica* e pluralidade *privatópica*, uma dicotomia de cunho obviamente teórico. Categorizo como lugar da pluralidade

> *O lugar do lazer, do prazer, da mistura, do contrastante, dos "outros", das diferenças, ou seja, aquela almejada diversidade que Jane Jacobs cobra tão acirradamente dos urbanistas da corrente Modernista; ou a sociabilidade espacial pela qual William H. Whyte sempre batalhou com profundo ardor; ou, ainda, até mesmo a materialização dos espaços que configuravam a escala gregária do setor central de diversões previsto por Lúcio Costa para Brasília (CASTELLO 2007:23).*

Em essência, os textos do Simpósio denominados "*Replicar. Revitalizar. Repensar*" e "*Edifícios Icônicos como lugares da pluralidade?*" preocupam-se em

desdobrar o estabelecimento da pluralidade motivada por estímulos (mais) associados ao fenômeno da heterotopia, no sentido que lhe dá o filósofo Michel Foucault, significando o uso por diferentes grupos étnicos ou sociais de um lugar em que convergem os "outros", as "alteridades", como é freqüente ocorrer em "shopping malls", museus, grandes estações de transporte. Por outro lado, os textos "*Pluralidade e Vizinhança em Loteamentos Residenciais*" e "*Alojamento universitário como lugar no campus – o caso CRUSP*" se ocupam de estudar aquela pluralidade bastante específica estabelecida entre os usuários de espaços onde predomina a presença de estímulos ligados a um fenômeno que, tentativamente, denomino nos livros de privatopia. Esta, seria a pluralidade originária das relações interpessoais que se desenvolvem nas práticas cotidianas de usuários caracterizados por condições espaciais homogêneas, mencionada, porém não examinada com maior profundidade nos livros.

Explica-se essa ausência do aprofundamento nos livros pela ênfase que estes dedicam a examinar fenômenos associados a espaços predominantemente públicos (no máximo, semipúblicos), deixando menos focado o exame dos lugares privatópicos já que, "Com freqüência, os lugares dessas comunidades individualizadas excluem e constroem barreiras defensivas, desenvolvem meios de repressão, criam equipamentos de vigilância, enfim, são espaços que se definem 'contra' os 'outros'" (CASTELLO 2007:24).

De resto, a contraposição entre as categorias de pluralidade heterotópica e privatópica, numa síntese bastante rudimentar, poderia ficar reduzida basicamente a confirmar a persistência de "(. . .) certain unquestioned spatial oppositions: private versus public space, family space versus social space (. . .)" como raciocina o próprio Foucault (CASEY 1998:299).

## Lugares da pluralidade

A Organização Não-Governamental norte-americana PPS-*Project for Public Spaces* é uma associação especializada na promoção de lugares, visando enriquecer e diversificar as experiências públicas oferecidas aos cidadãos. A visão mais recente dos membros do PPS oferece uma lista, em seu *site* dedicado a 'The Architecture of Place', daqueles espaços que a Organização entende como passíveis de adquirirem a conotação de lugar, isto é, espaços que contam com potencial de gerar lugares urbanos e, por isso mesmo, de se categorizarem como componentes daquilo que, nos

termos do PPS, encaminha-se a construir uma *arquitetura do lugar*, ou – na expressão norte-americana registrada no *site* – aqueles espaços que se voltam "toward an architecture of place". Esses espaços, como se sabe, são cada vez mais numerosos e diversificados, e, embora o PPS registre sinteticamente apenas umas poucas categorias – parques, transportes, mercados, centros urbanos (CBDs), centros cívicos, complexos multiusos, campi, praças e orlas aquáticas – seria prudente, no entendimento dos participantes deste Simpósio, ainda incluir na discriminação, as citadas nuances de heterotopia e privatopia.

Mesmo frente a diversificações em termos configuracionais, a grande maioria dos lugares da *pluralidade heterotópica* revolve em torno das atividades de shopping e a setores da indústria de serviços, como entretenimento, cultura, lazer e turismo. Fica bastante evidenciado o *teor terciário* de que todos compartilham na tarefa de construir uma Arquitetura do Lugar. No repertório de lugares da pluralidade, incluem-se: "shopping malls", cenários históricos reurbanizados, locais de entretenimento, ambientes temáticos, complexos esportivos, aeroportos híbridos, cinemas multiplex, museus, bibliotecas; e, ainda, edificações que se destacam como novos ícones introduzidos no universo do imaginário da população, calcados fortemente em imagens altamente diferenciadas e impressivas, geralmente de autoria de celebridades no universo estelar global da Arquitetura, como os portentosos museus icônicos que, a exemplo do Guggenheim de Bilbao (Frank Gehry), hoje se tornaram habituais na paisagem competitiva das cidades de todo o mundo por sua monumentalidade icônica. Estes últimos são comentados com maior densidade no trabalho de João Gallo.

Por outro lado, os lugares da *pluralidade privatópica* remetem a uma outra categoria de lugares que, embora externa ao teor terciário das anteriores, tem uma participação verdadeiramente decisiva no estabelecimento de novos padrões de vida nas cidades de hoje, especialmente quanto à definição de lugares: são formados junto a segmentos espaciais homogêneos como, por exemplo, condomínios fechados, e que se configuram como verdadeiros "casulos" residenciais privativos. Inicialmente voltados às classes de maior poder aquisitivo, hoje, abrem novas perspectivas também para as classes médias, as quais, por sua vez, se tornam emuladoras das aspirações das classes populares, que já buscam migrar para lugares assim

configurados[1]. Embora sejam lugares plurais, são, curiosamente, compostos por mundos unidimensionais, freqüentados por um grupo homogêneo de pessoas, como aqueles que se encontram em bairros residenciais – tema que é apresentado no texto de Iára Regina Castello em relação a conjuntos habitacionais em Porto Alegre – ou no setor residencial de um campus universitário em São Paulo – caso discutido no texto de Renata Santiago Ramos. É grande a freqüência desse tipo de manifestação, decorrendo daí o que a teoria urbanística está começando a estudar sob a denominação de *privatopias*, uma nomenclatura derivada do livro que difundiu de forma mais sistematizada o registro do fenômeno, de autoria do planejador urbano britânico Evan McKenzie. A expressão é explicada pelo autor sob a justificativa de que "Nossas cidades-jardim são um híbrido das idéias utopistas de [Ebenezer] Howard e do privatismo [pragmatismo] norte-americano, e eu uso o termo privatopia para captar os dois conceitos" (McKENZIE 1994:12, tradução livre) – isto é, as privatopias resultam da ideologia de um lugar utópico (e, portanto, constituem igualmente uma heterotopia) sendo construído por iniciativa do setor privado.

Outra característica inerente aos lugares da pluralidade que também vale ser comentada é a classificação dos lugares de convívio urbano em três níveis: primeiros, segundos e terceiros. Essa peculiar categorização foi apresentada em 1989 pelo sociólogo Ray Oldenburg e, hoje, tornou-se uma referência bastante difundida entre os estudiosos do tema. Oldenburg denomina os lugares responsáveis pela construção de um espírito comunitário entre os habitantes das cidades usando a expressão "great good places", definindo-os como 'terceiros lugares', e os explica da seguinte maneira: "Most often I refer to such places as 'third places' (after home, first, and workplace, second) and these are informal public gathering places" (OLDENBURG 1999:xvii). É interessante observar que os lugares da privatopia apesar de estarem espacialmente localizados na esfera dos 'primeiros lugares', isto é, junto ao interior dos lares, podem ficar bastante bem enquadrados, pelo menos em termos sócio-antropológicos, na categoria de 'terceiros lugares', ou seja, marcados pela pluralidade. Os "terceiros lugares", por sua vez, "oferecem o regular, o voluntário, o informal, e a alegria antecipada de encontros com outros indivíduos, longe dos limites dos domicílios e dos lugares de trabalho" (CASTELLO 2007:207-8), fornecendo locais de encontro fáceis,

1 Ver, por exemplo: CASTELLO, Iára Regina. **Bairros, Loteamentos e Condomínios**. Elementos para o Projeto de Novos Territórios Habitacionais. Inclui CD com imagens. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

baratos, habituais e agradáveis, quase como o típico encontro de "lugares da esquina", até há pouco tempo muito comuns nas cidades brasileiras. Dentro dessa óptica é que serão tratados no Simpósio, embora, para isso, acrescidos do epíteto de pluralidade privatópica.

## Reminiscências históricas

Pluralidade não é nenhum fenômeno novo – moderno ou pós-moderno – mas uma qualidade muito típica da urbanização da humanidade e muito típica, também, dos protocolos projetuais das pranchetas e computadores de arquitetos e planejadores urbanos. Evidentemente, este não é o texto nem o momento apropriado para desenvolver recapitulações cronológicas mais alongadas sobre o histórico da Pluralidade em nossa área de estudo. Mesmo assim, vale trazer umas poucas reminiscências sobre essa qualidade tão característica das aglomerações urbanas e que, aliás, é fruto da própria condição de aglomeração – configura-se nela claramente um truísmo: sem a aglomeração de pessoas, não existe pluralidade. Mas, sempre é bom lembrar que desde a clássica *ágora* dos tempos homéricos da Grécia Antiga (Figs.1-2), as cidades disponibilizam um lugar público para o desenvolvimento das relações conversáveis[2] entre seus habitantes: "(. . .) in its primitive state, the agora was above all a place for palaver (. . .)", como o conhecido historiador urbano Lewis Mumford (1973:175-6) coloca de maneira tão interessante, empregando uma palavra assim tão inusual como 'palaver', mas tão ilustrativa da função de pluralidade – algo como o nosso brasileiro 'palavreado', 'jogar conversa fora' ou o simples 'bate-papo'.

[2] Ver também: CASTELLO, L., *Conflitos e Incertezas de uma Escala Conversável*. In: **XIII Encontro Nacional da ANPUR**. Planejamento e Gestão do Território. Escalas, Conflitos e Incertezas. Florianópolis: UFSC / ANPUR, 2009.

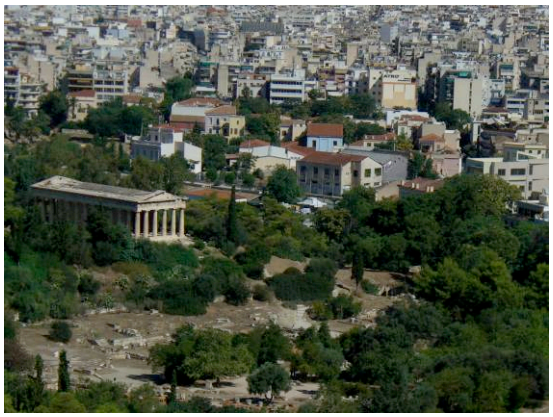
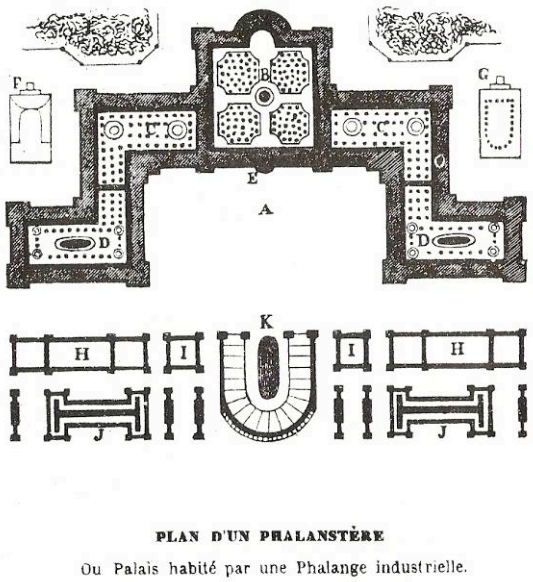


Figura 1 (esq.)- Anatólia (Ásia Menor). A ágora da *Polis*, na cidade de Ephesus (Turquia). A região é clássica para o Urbanismo, por abrigar também Priene, origem do traçado xadrez. *Foto: L. Castello*
Figura 2 (dir.) – As ruínas arqueológicas da *ágora* de Atenas (Grécia). *Foto: L. Castello*

Ou, como descreve o mesmo autor sobre o antigo *forum* Romano, explicando-o como sendo "(. . .) a place of assembly or comitium (. . .)" no qual "(. . .) ever larger crowds would be drawn to the centre for shopping, for worship, for gossip, for taking part, as spectators or actors, in public affairs or in private lawsuits" (MUMFORD 1973:257-8). Fácil de imaginar a intensa pluralidade heterotópica ali a se desenvolver, congregando tão diversas alteridades convocadas para o desempenho de tão diversificadas funções!

Outra indispensável reminiscência relativa à historicidade dos espaços plurais, especialmente por ser bastante reveladora do que aqui se entende como o campo da pluralidade privatópica, remete ao *Phalanstère*, o protótipo de edificação destinada à habitação coletiva, construída por Fourier nos tempos dos socialistas utópicos da modernidade do século 19. Um aspecto pouco conhecido da edificação é o de sua expressa intenção de promover a pluralidade, incluindo alas específicas para esse desígnio. O plano do Phalanstère (Fig.3) propunha a criação de *lugares* no interior da grande edificação privada – "such as community dining halls, nurseries, libraries, laundries, attributing an optimistic socializing value to the idea of place" (CASTELLO 2010b:505), destinados a promover o encontro entre as pessoas e a fomentar a pluralidade. Além deles, destaca-se como um dos espaços mais específicos para o desenvolvimento convivial, o grande recinto envidraçado que conectava o todo "A glassed-in street gallery on three levels (. . .) both public and private, [and] serves as an ideal sheltered meeting place.", como ensina Françoise Choay (1989:97).




PLAN D'UN PHALANSTÈRE
Ou Palais habité par une Phalange industrielle.

Figura 3- Planta de um *Phalanstère*. O Palácio Social projetado por Fourier já idealizava a geração de lugares plurais no seu interior. Fonte: TERÁN, F., 1969:37

Dentro de um raciocínio semelhante, outra experiência urbanística que não deve ser esquecida é a construção do Karl Marx Hof, uma iniciativa levada a efeito durante a breve utopia socialista testada em Viena no século 19, citada por certos autores[3] como uma antecipação do desenho das unidades de vizinhança posteriormente executadas nas Cidades Novas britânicas (Figs.4-5). Considerada como protótipo para experimentações dos arquitetos no desenho de comunidades residenciais, os *hoffen* austríacos deixavam bem clara a necessidade de inclusão de espaços destinados a usos coletivos incentivadores da pluralidade em seus programas arquitetônico-urbanísticos, como indicado pelos espaços internos abertos funcionando como praças (Figs.6-7).

[3] Como encontrado em um dos primeiros títulos da literatura urbanística mais antiga a circular nos meios universitários brasileiros, **Ciudad y Urbanización en el Mundo Actual** (Madrid: Blume), do espanhol Fernando de Terán, datado de 1969.

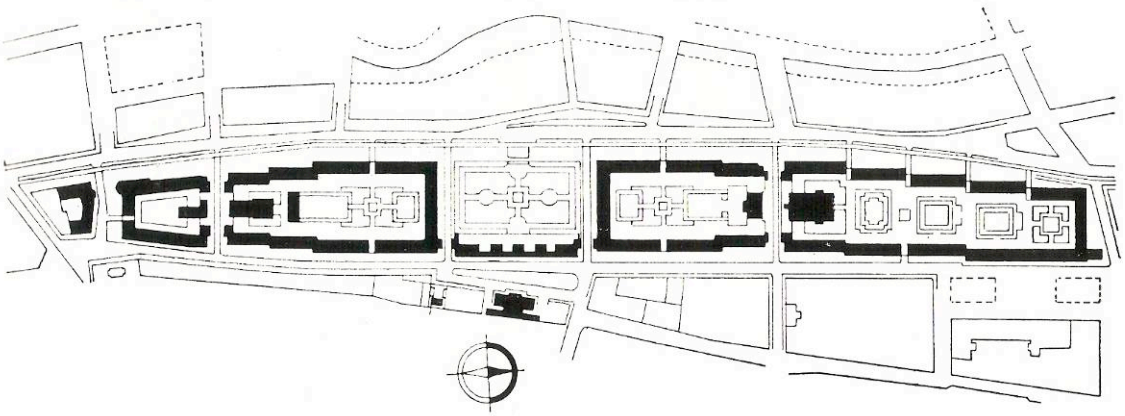


Figura 4 - Viena (Áustria). Projeto do *Karl Marx Hof*, 1920. Os *hoffen* austríacos ofereciam equipamentos coletivos a seus moradores, favorecendo a pluralidade privatópica. Fonte: TERÁN, F., 1969:61

Figura 5 - Viena (Áustria), Karl Marx Hof (2010). *Foto: L. Castello*

Figura 6- Viena (Áustria), Karl Marx Hof (2010). *Foto: L. Castello*

Figura 7 – Viena (Áustria). A edificação se volta para o coração do pátio (“hof”) oferecendo atrativos para a sociabilização cotidiana. *Foto: L. Castello*

Claro, os 'flashes' de reminiscências históricas obviamente não parariam por aí; porém, pelo menos mais um deles ainda merece registro, mesmo porque o parágrafo acima menciona a 'modernidade' do século 19. Os tempos do final daquele século até o início do seguinte ainda testemunharam a atribuição de um viés muito particular ao desenho da pluralidade: em sua seqüência, a modernidade dos lugares plurais passou a se expressar quase exclusivamente por meio da criação de *espaços cívicos*. O próprio Desenho Urbano passou então a se confundir com o desenho de Espaços Cívicos de convívio, como bem registra Denise Scott-Brown ao dizer: "Planners and designers of the City Beautiful movement focused their attention on the public ceremonial parts of the city and Beaux-Arts schools of architecture offered programmes in 'civic design'" (SCOTT-BROWN 1990:21), disso resultando a criação mais generalizada de lugares da pluralidade que se tornaram modelares no mundo inteiro, como 'town halls', largos cívicos e centros comunitários específicos.

O passo seguinte dessa tendência, já nos tempos da modernidade do século 20 – naquela avassaladora corrente conhecida como Arquitetura-Urbanismo Modernista, que terminou por deixar enorme repercussão na urbanização da Humanidade – trouxe como evolução para a tentativa de fomentar o civismo disposto no *Beaux-Art*, a tentativa de conjugá-lo a uma indução a um modelo mais igualitário de sociedade moderna, capaz de encorajar com mais veemência o estabelecimento de uma cidadania politicamente ativa. Uma clara ilustração disso remete para o emblemático espaço cívico constituído pela 'Praça dos Três Poderes' em Brasília, que alia o civismo à monumentalidade icônica. De resto, o Urbanismo Modernista associou a geração da pluralidade à oferta de funcionalidade, como testemunham os desenhos de centros comunitários criados a serviço das necessidades funcionais dos moradores das unidades de vizinhança de muitas Cidades Novas. Porém, a marca mais persistente calcada pelo Modernismo na construção dos lugares da pluralidade parece ter sido a de enfatizar sua condição de serem espaços *públicos* de encontro. Essa condição causou, sem dúvidas, argumentações muito discutidas e, hoje, ainda bastante discutíveis. Na verdade, ao estipular como condição necessária e estrita o domínio *público* dos espaços destinados a gerar um lugar de pluralidade, o Urbanismo Modernista ao mesmo tempo introduziu uma imprecisão (e a eternizou) em relação ao conceito daqueles lugares, pois, mesmo que tradicionalmente idealizados como

espaços pertencentes ao domínio público, muitos deles teriam sido, de fato, gerados em espaços de domínio privado, como documentado fartamente ao longo da história[4].

## A atualidade da construção de lugares da pluralidade

Em sucessão ao que se leu nas rápidas reminiscências traçadas acima, a atualidade da produção de lugares da pluralidade – ou, melhor ainda, o que atualmente é conhecido como '*placemaking*' – tende a experimentar ainda outras mudanças, algumas até substanciais, como a que confronta a localização espacial da pluralidade contra a imaterialidade cibernética da Internet, por exemplo. Seria assim que a chegada da Internet poderia, numa perspectiva obviamente extrema, fazer sucumbir a própria materialidade dos lugares, remetendo-os aos a-espaciais avanços virtuais tecnológico-informacionais cada vez mais dinâmicos e surpreendentes adotados pela sociedade contemporânea. Nessa perspectiva, o que agora se vivencia como pluralidade num lugar real, poderia de certa forma vir a ser apreciada num lugar virtual *ad-hoc*, valendo-se da rede WWW como o novo *lócus* para encontro e loquacidade. De fato, a rede "(. . .) has created the conditions for a public sphere that no longer has a fixed, ascertainable location, like the surface of the public square . . . a multitude of people can nowadays be mobilized in a short time, a phenomenon that has been called 'adhocracy'" (AVERMAETE et al. 2009:42).

Independentemente das (ameaçadoras?) projeções futuras, pelo menos três direções parecem sintetizar adequadamente as tendências percebidas no planejamento dos lugares da pluralidade dos tempos atuais. Há alguns indicadores de que o *placemaking* desses lugares ocorrerá, muito provavelmente, por meio de ações voltadas a *replicar*, *revitalizar* e/ou *repensar* recursos ambientais urbanos pré-existentes. E, mais ainda, que essas ações serão freqüentemente compartilhadas entre iniciativas dos setores privados e públicos, talvez a característica mais notável e decisiva dos lugares da pluralidade da cidade do século 21. Além disso, as três atitudes terão certamente correlação com a tão almejada sustentabilidade ambiental, pois ao reutilizarem locações pré-existentes, colaborarão em conter a expansão

[4] A própria *ágora* da antiga Grécia, tão emblemática como fonte inspiradora dos lugares "públicos" do Modernismo era, na verdade, constituída em grande parte por equipamentos comerciais de mercado. O *fórum* romano, igualmente, incluía uma série de negócios privados em sua composição.

urbana ao longo do território do *hinterland*, evitando o temido excessivo recobrimento do solo natural.

Ao *replicar* lugares de pluralidade de sucesso, a arquitetura dos lugares buscará proceder a uma clonagem daqueles componentes configuracionais que trouxeram sucesso àqueles lugares originalmente. Ao *revitalizar* espaços em desuso ou decadência, o placemaking da pluralidade valer-se-á da força simbólica das pré-existências, atribuindo-lhes uma nova energia de vida que assegure sua reinserção no repertório de lugares plurais da comunidade urbana em pauta. E ao *repensar* o condicionamento da geração de lugares de pluralidade no contexto urbano das cidades atuais, a arquitetura dos lugares buscará se valer das estratégias e táticas que o momento conjuntural da urbanização coloca, eventualmente, à disposição dos mecanismos de gestão e de planejamento para o desenho das cidades, destacando-se, fundamentalmente, a forte polissemia hoje estabelecida entre a conceituação do que seja espaço público e espaço privado.

Todas essas três direções são abordadas com alguma profundidade nos livros já mencionados (CASTELLO 2007; CASTELLO 2010) e, para os fins deste artigo, parece suficiente trazer aqui uma visão resumida de como são entendidas essas direções no encaminhamento do estudo dos lugares da pluralidade contemporâneos, tanto em suas interpretações como lugares indutores da heterotopia, quanto como lugares garantidores da privatopia.

## Replicar. Revitalizar. Repensar

*Madinat Jumeirah*, em Dubai, ao replicar a morfologia original da clássica Bastakia da Dubai Antiga pode ser um legítimo representante dos lugares da pluralidade típicos de nossos tempos. As espalhafatosas e espetaculares ações urbanísticas perpetradas na criação do ‘souk’ de Madinat Jumeirah (Fig.8) ilustram com razoável propriedade as tendências arquitetônico-urbanísticas da presente virada de século, assinalando a tendência de *replicar* elementos notáveis da paisagem em novas locações e em circunstâncias diferenciadas. O placemaking em Dubai se volta, assim, à criação de um elemento *fake*, porém clonado sobre as formas historicamente manifestas em Bur Dubai, na Dubai antiga, no bairro conhecido como *Bastakia* (Fig.9), vigorosamente representativas da formação cultural emirense, especialmente pela preservação em funcionamento de um sistema de refrigeração chamado “torres de vento” (*barjeel*), cada uma entalhada com padrão característico. Ameaçado de

demolição total nos 1980s, o bairro felizmente sobreviveu e atribui-se à criação da réplica na área mais esfuziante da cidade (Burj al Arab), a resistência contra a sanha imobiliária dominante. Assim, curiosamente, a reprodução de um elemento da paisagem cultural do passado gerou um lugar do presente com força evocativa a ponto de preservar o futuro do passado.

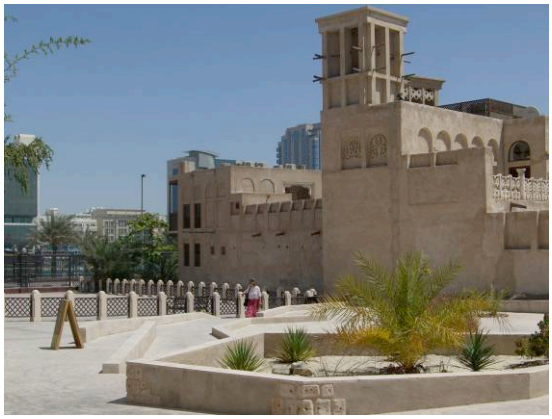


Figura 8 - Dubai (Emirados Árabes Unidos). *Souk* Madinat Jumeirah, lugar criado como complexo de lazer e compras, replicando as formas da arquitetura local, especialmente por empregar o sistema de ventilação de "torres de vento". *Foto: L. Castello*

Figura 9- Dubai (Emirados Árabes Unidos). O bairro Bastakia, na região mais antiga da cidade, hoje restaurado. As torres de vento aqui são as originais. *Foto: L. Castello*

Muitas das atividades dos 'placemakers' contemporâneos vão buscar em lugares pré-existentes sua fonte de inspiração para o desenho de lugares novos. Mesmo frente à costumeira (e quase sempre justificada) ojeriza que os preservacionistas demonstram em relação a trabalhos de caráter replicante, o lugar baseado na arquitetura preexistente, ainda que às vezes provoque uma situação de *metarealidade* na qual os usuários se vêem transmutados em tempo e espaço para uma nova realidade urbana, acabará por atiçar a visitação não só ao novo lugar, mas, também, ao lugar autêntico, como ocorre nos casos das duas localizações de Dubai, a Madinat Jumeirah e a Bastakia. Em muitos casos de sucesso, será da leitura dos espaços urbanos fortemente marcados pela pluralidade que serão tentadas as réplicas.

*South Street Seaport*, em Nova York, hoje já pode preencher os requisitos exigidos de um *template* básico a instruir os trabalhos de revitalização urbana sustentável de uma paisagem cultural contemporânea, por meio da construção de lugares da pluralidade (Figs.10-11). As fantasiosas e pragmáticas ações que criaram o

South Street Seaport ilustram caminhos tentados por planejadores muito preocupados em *revitalizar* exemplares estruturais basilares na constituição da paisagem cultural da ilha de Manhattan. Nele, a criação do novo lugar *Píer 17* em Nova York emprega desígnios projetuais que marcaram toda uma escola de desenho urbano criada pela equipe de planejadores liderada por James Rouse, que se caracteriza por um decisivo reconhecimento da importância da participação do setor privado na preservação da paisagem cultural, já que processada por meio de intervenções voltadas para a criação de lugares comerciais. Mesmo ferrenhos críticos do *fake*, como a temida crítica de arquitetura Ada Louise Huxtable, acabam reconhecendo mérito nas cuidadosas intervenções da equipe de Rouse.

Figura 10 – Nova York (Estados Unidos). Um dos mais conhecidos exemplares de lugares de pluralidade criados por meio da revitalização do patrimônio histórico-cultural. *Foto: L. Castello*

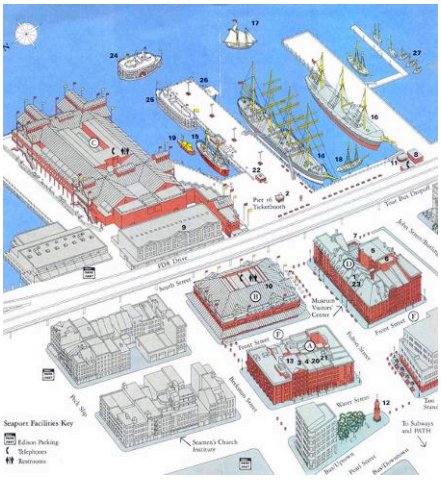


Figura 11 – Nova York (Estados Unidos). Projeto do South Street Seaport. Fonte: divulgação

Comum às duas manifestações corre em paralelo a idéia cada vez mais fundamentada de *repensar* a condição de 'espaço público' da definição de lugar da pluralidade, por força da já mencionada polissemia no significado do que é público e do que é privado no cotidiano de vida das cidades de hoje. Na verdade, como observei em outro texto recente (CASTELLO 2008), é crescente o número de autores que se apercebem dessa verdadeira polissemia que agora é conferida à palavra *espaço público*. O celebrado filósofo francês François Ascher demonstra reconhecer tacitamente que se está frente a uma nova maneira de perceber o que é público e o que é privado, ao recordar que, em muitas situações, o caráter público de um lugar lhe é conferido pelas *práticas sociais* que nele são protagonizadas: isto é, Ascher

contempla o caráter público de um lugar como resultante de ali se ter conformado um determinado ambiente comportamental, esclarecendo que: "São ainda os 'passantes' que, por suas atividades e suas 'interações', dotam o espaço de seu caráter público, especialmente por suas 'micro-práticas' feitas de movimentos, jogos e posturas corporais, orientações do olhar" (ASCHER 1995:257-8, tradução livre).

É graças a essa nova circunstância que se abrem inúmeras perspectivas – algumas altamente estimulantes – para o 'placemaking' dos lugares da pluralidade, especialmente na seara da pluralidade heterotópica. Com elas surgem lugares de pluralidade heterotópica até mesmo em situações improváveis, como mostra o batido exemplo dos aeroportos, classificados como *não-lugares* em um clássico da literatura específica, o conhecido trabalho de antropologia de Marc Augé. Contrariamente a essa classificação, dentro dos padrões de comportamento da sociedade hodierna, alguns aeroportos podem se constituir tranqüilamente em lugares de pluralidade, principalmente quando as condições de acessibilidade favorecem sua freqüência. Um caso próximo, e bastante ilustrativo, é o do complexo aeroportuário Salgado Filho, o aeroporto internacional de Porto Alegre, que, situado dentro do perímetro urbanizado da cidade, e contando com uma elevada diversificação de equipamentos de comércio e serviços[5], funciona como um local de encontro para todo um segmento da população porto-alegrense. Outros aeroportos são cada vez mais citados como exemplares para o desenvolvimento de espaços de entretenimento e convívio, como, por exemplo, os aeroportos de Cingapura (Fig.12), que inclui uma ambientação temática remetendo à natureza, além de equipamentos peculiares como escorregador gigante para adultos, cinema e piscina; e o próprio aeroporto de Dubai, que apresenta um suntuoso *mall* repleto de atrações (Fig.13).

[5] Foi o primeiro aeroporto brasileiro a contar com um Cineplex.

Figura 12 - Cingapura (Cingapura). O aeroporto Changi, além de ter sido aclamado o melhor do mundo em 2010, também foi premiado por suas áreas de lazer e amenidades. *Foto: L. Castello*

Figura 13 - Dubai (Emirados Árabes Unidos). As facilidades oferecidas pelo aeroporto são fortemente indutoras de pluralidade. *Foto: L. Castello*

Aliás, é comum hoje em dia a atribuição de pluralidade a espaços típicos do sistema de mobilidade das cidades, seja ilustrado por exemplos mais extremos como o dos aeroportos, seja através de terminais de transbordo intermodal, seja até por sua representação pelas estações de transporte de massa, com todos os equipamentos suplementares que lhes são cada vez mais costumeiros.

Finalmente, o *repensar* sobre a geração de lugares de pluralidade heterotópica nas atuais metrópoles reserva revelações notáveis, entre as quais, a de introduzir a produção dos lugares de sociabilização em ambientes inesperados e, às vezes, até inusitados. E extremamente oportunos para o desenho da Arquitetura dos Lugares contemporânea.

Cada vez mais pessoas acorrem ao antigo em busca da pluralidade moderna. De certa forma, o antigo é o moderno, como nas instigantes revitalizações de *brownfields* industriais nas quais, antigas carcaças abandonadas de usos industriais se vêem subitamente alçadas a desejados lugares de convívio, como o são os emblemáticos casos da *Tate Modern* em Londres (Fig.14) e da *Usina do Gasômetro* em Porto Alegre (Figs.15-16).

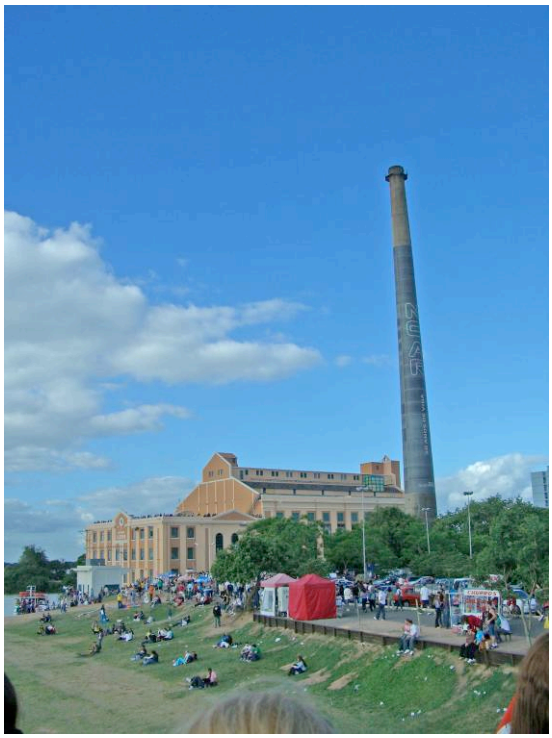


Figura 14 – Londres (Reino Unido). A *Tate Modern*, antiga usina termoelétrica, trouxe animação a uma área decadente. *Foto: L. Castello*

Figura 15 – Porto Alegre (Brasil). O *Gasômetro*, antiga usina termoelétrica, adquiriu o status de lugar de urbanidade por excelência. *Foto: L. Castello*

Figura 16 – Porto Alegre (Brasil). A pluralidade induzida pelo Gasômetro se estende pelo entorno. *Foto: L. Castello*

Lugares que já se incluem no roteiro dos lugares mais freqüentados das cidades que os hospedam, as duas edificações tinham o mesmo tipo de uso, ambas

abrigando usinas termoelétricas. A testemunhar as grandes mutações em vigência nas escolhas que a atual sociedade faz por seus lugares de convívio, originaram importantes centralidades novas para suas cidades ao terem suas estruturas refuncionalizadas e surpreendentemente revitalizadas como museus ou centros culturais.

Outra poderosa ilustração dos novos tempos que se abrem para a arquitetura dos lugares da pluralidade das cidades contemporâneas é, indiscutivelmente, o modelar exemplo estabelecido pelo *MuseumsQuartier* de Viena (Figs.17-18).

Figura 17 – Viena (Áustria). Fachada barroca das antigas cavalariças imperiais. *Foto: L. Castello*

Figura 18 – Viena (Áustria). MuseumsQuartier, o animado pátio interno. *Foto: L. Castello*

Trata-se de um aglomerado de prédios culturais, cuja construção original remonta às antigas cavalariças barrocas do Império Austríaco em Viena, datadas do início do século 18 (Fig.19). O complexo cultural hoje está mais popularizado pela simples designação *MQ*, por força das inteligentes atividades de *placemarketing* de seus gerenciadores, que o anunciam como um 'moderno oásis de cultura'. Congrega verdadeiras multidões graças a uma programação vivaz e diferenciada, que atrai visitantes e moradores indistintamente e atinge mais de três milhões de freqüentadores por ano. O caminho para o *placemaking* do MQ, iniciado em 1977, não foi nada fácil no entanto. Uma sucessão de negações foram impostas ao projeto vencedor do concurso, de Laurids e Manfred Ortner (ARCHIMAP 2009), que ao colecionar críticas de *experts*, políticos e o público, acabou por sofrer alterações

importantes, entre as quais, a de eliminar toda uma alta torre que tornaria o quarteirão mais visível desde seu exterior. Aliás, um costume bem vienense, este, de protestar contra as alterações artísticas em geral, desde o famoso movimento chamado de 'Secession' pelo grupo de Gustav Klimt, que se opunha ao marasmo das artes visuais da época, até as ferinas críticas à hoje famosa cobertura desenhada por Hans Hollein para o museu Albertina que, apesar de fundamental para seu *placemaking* e *placemarketing*, acabou por granjear ao museu a maldosa alcunha de 'postinho de gasolina' (Fig.19). Apesar das idas-e-vindas, contudo, o MQ acabou integralmente aceito tanto por turistas quanto pelos próprios vienenses e seu sucesso, demonstrado pelo número de visitantes, excedeu qualquer expectativa inicial. Aberto em 2001, oferece uma bela reflexão sobre o *repensar* em termos de construção da pluralidade na arquitetura dos lugares. Sua eclética mescla de edificações representativas dos últimos trezentos anos da arquitetura vienense forma um lugar arquitetônico único, que se ancora em três edifícios estruturadores, *Leopold Museum* (Fig.20), *MUMOK* (Museu de Arte Moderna da Fundação Ludwig) (Fig.21) e *Kunsthalle Wien*. A estratégia que transformou o lugar de um simples conjunto de três museus dedicados a artes plásticas em um *lugar de urbanidade*, é a de tê-los rodeado, no espaçoso pátio que os conecta, por uma quantidade de táticas ofertadas por pequenas atrações e eventos de curta duração de grande fascínio popular. Entre elas, o MQ se destaca por proporcionar oportunidades variadas nos campos das artes visuais, teatrais, de dança, arquitetura[6], música, novas mídias, design, cinema, gastronomia, artesanato[7], eventos literários e atividades de cultura e recreação para crianças e jovens. A rica estrutura de animação do lugar inclui, nos meses quentes, até um mobiliário desenhado especialmente – bancos denominados 'enzis' – com cores mutáveis alegres e vibrantes, já reconhecidos pelo público jovem como objetos *cult* (Fig.22).

[6] O MQ sedia o Architekturzentrum Wien, com atividades e exibições permanentes voltadas ao campo arquitetônico-urbanístico.

[7] Conhecido como Q21, ou Quartier21, é um conjunto que acomoda diversas oficinas, algumas até de alcance industrial, abrangendo desde cultura digital até a produção de moda e vídeo-arte.

Figura 19 - Viena (Áustria).Museu Albertina. A “canopy” de Hollein garante ao visitante o acesso abrigado do térreo ao nível do museu. *Foto: L. Castello*

Figura 20 - Viena (Áustria).Leopold Museum, sede da coleção Schiele. *Foto: L. Castello*

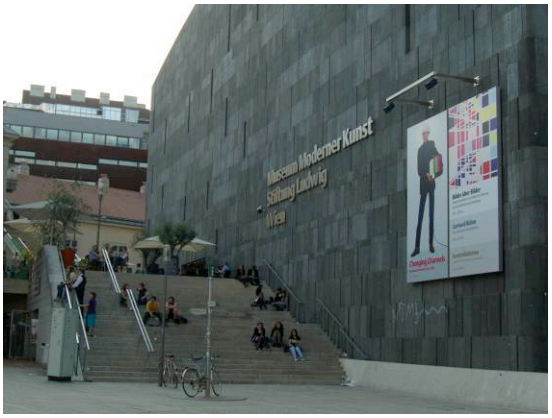


Figura 21 - Viena (Áustria). MUMOK (Museum of Modern Art Ludwig Foundation Vienna). *Foto: L. Castello*

Figura 22 - Viena (Áustria). Os “enzis” (assentos) contribuem para a extraordinária pluralidade do MQ. *Foto: L. Castello*

Por fim, mais uma característica a demonstrar que os novos tempos da pluralidade heterotópica estão trazendo inovações surpreendentes para a Arquitetura dos Lugares é fornecida pela crescente atribuição de pluralidade a espaços culturais cuja freqüência era, anteriormente, restrita a um público exclusivo, como museus, bibliotecas e até teatros. Longe de gerarem apenas espaços de natureza privatópica, de freqüência restrita e exclusivista, produzem brilhantes exemplares de manifestações coletivas heterotópicas. Um teatro da ópera como a *Opera House* de Sydney, projetada por Jörn Utzon em 1957, acumulou ao longo do tempo os

elementos conjunturais perfeitos para poder ofertar, no século 21, a movimentada pluralidade hoje desfrutada por seus freqüentadores – e isso tanto em seus espaçosos recintos internos, quanto nos pictóricos espaços externos do edifício (Figs 23-24). É bem verdade que se trata de uma construção imponente, singular e toda imbuída de uma monumentalidade icônica praticamente excepcional, colocando-se privilegiadamente num cenário natural de destaque, alçada sobre uma belíssima base aquática.

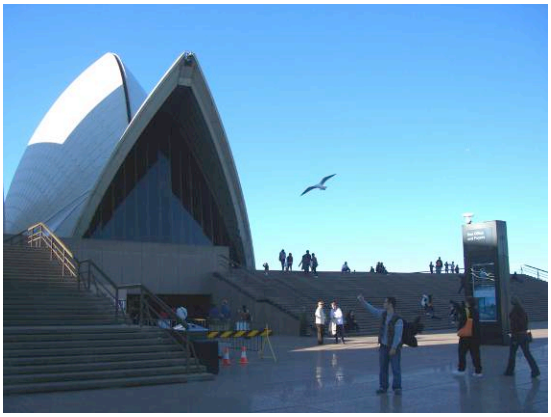


Figura 23 – Sydney (Austrália). A proximidade da Opera House à água atrai a população e ajuda a consolidar o lugar como plural. *Foto: L. Castello*

Figura 24 – Sydney (Austrália). Opera House. *Foto: L. Castello*

Para encerrar, talvez nada seja tão enriquecedor para o estudo da Arquitetura dos Lugares quanto trazer um outro caso exemplar, também originário da Austrália: a *State Library of Queensland* (Biblioteca Estadual de Queensland), na cidade de Brisbane, capital do estado de Queensland. A Biblioteca é, na verdade, apenas um componente de um grandioso complexo multifuncional situado numa área da cidade designada como *South Bank*. De início, já é interessante ressaltar que a South Bank foi implantada como um projeto especifico de *placemaking* – um lugar desenhado para se tornar, como anunciam (outra vez) seus gerenciadores, um 'oásis urbano central' – como imaginaram os empreendedores envolvidos no projeto, responsáveis igualmente pelo caprichado *placemarketing* que tornou tão rápida a consolidação do novo lugar plural de Brisbane (Fig.25).

Figura 25 – Brisbane (Austrália) O Projeto da South Bank, criado pela *Corporation* que se auto-intitula como *placemaker*. À direita, a Biblioteca. Fonte: divulgação

Estabelecida por ato legal datado de 1989, a 'South Bank Corporation' tornou-se encarregada de prover o contínuo desenvolvimento e gerenciamento da área, especificando entre suas atribuições que "Our services range from place creation and management to events management, urban design, marketing & communications, tourism, property management, operations and asset management" (http://www.southbankcorporation.com.au/our-organisation - acesso em 25/10/2010).

Cada componente individual da rede de lugares da South Bank – como a Biblioteca – integra a geração coletiva de pluralidade oferecida pelo novo grande *lugar* da cidade. É digno de nota, entretanto, a inusitada experiência de pluralidade vivida dentro de uma biblioteca, uma tendência muito animadora em relação aos novos lugares a oferecerem pluralidade nas cidades. Além das atribuições usuais de uma biblioteca, a da South Bank oferece uma série de atrações, incluindo uma impecável documentação fotográfica do patrimônio cultural do estado de Queensland, com imagens e registros históricos (Fig.26); uma dinâmica programação de eventos públicos compostos por exposições, seminários, cinemateca, projeções, oficinas escolares, cursos de treinamento, palestras, competições, premiações culturais, recreação infantil (Fig.27); e, em meio a toda a movimentação, salas que são verdadeiras ilhas de tranqüilidade com relaxantes vistas para a água (Fig.28).

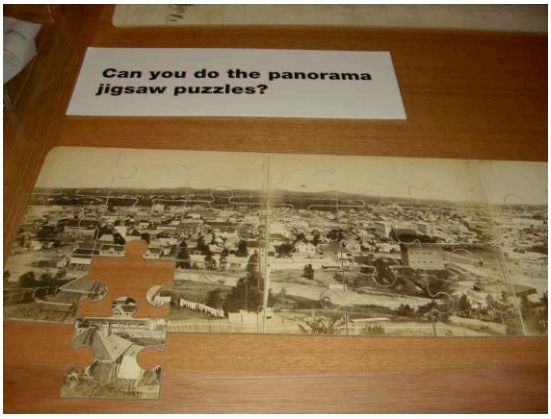


Figura 26 - Brisbane (Austrália). Library. Os freqüentes intercâmbios de informações sobre imagens da cidade animam o interesse urbanístico da população. *Foto: L. Castello*

Figura 27 – Brisbane (Austrália). Library. O convívio plural começa a se estabelecer desde cedo, pelas atividades da biblioteca infantil. *Foto: L. Castello*

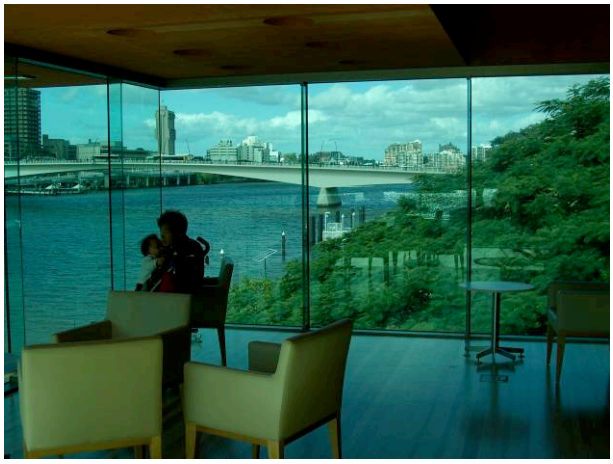


Figura 28 – Brisbane (Austrália). Library. O uso inteligente da visão da água contribui para enriquecer os ambientes de convívio mais privativo. *Foto: L. Castello*

Ao fim e ao cabo, resta extremamente estimulante constatar que, mesmo num rápido ensaio como o presente, torna-se possível vislumbrar que há todo um mundo de oportunidades abertas à nossa profissão e que nos põem à disposição um elenco variado de estratégias (e táticas) que, com habilidade e criatividade, podem nos levar a desenhar uma Arquitetura do Lugar cada vez mais eficaz em sua meta de oferecer pluralidade e assim incrementar a qualidade de vida dos habitantes das metrópoles contemporâneas, já que estarão contribuindo pragmaticamente para a construção da *urbanidade*.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARCHIMAP. **Neue Architektur in Wien**. Berlim: ARCHIMAP*publishers*, 2009.

ASCHER, François. **Métapolis ou l 'Avenir des Villes**. Paris: Éditions Odile Jacob, 1995.

AVERMAETE, Tom; HAVIK, Klaske; TEERDS, Hans. **Architectural Positions. Architecture, Modernity and the Public Sphere**. Amsterdam: SUN Publishers, 2009.

CASEY, Edward S. **The Fate of Place**. A Philosophical Story. Berkeley, CA: University of California Press, 1998.

CASTELLO, Lineu. **A Percepção de Lugar.** Repensando o conceito de lugar em Arquitetura-Urbanismo. Porto Alegre: PROPAR/UFRGS, 2007.

CASTELLO, Lineu . *O Comércio e o Lugar da Urbanidade: Uma Relação de Origem*. In: **II Colóquio (Inter)Nacional Sobre o Comércio e Cidade**. São Paulo, SP: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 2008.

CASTELLO, Lineu. **Rethinking the Meaning of Place.** Conceiving Place in Architecture-Urbanism. Londres: Ashgate, 2010a.

CASTELLO, Lineu. *Replacing Place in Planning History*. In: **14th International Planning History Conference**. Urban Transformation: Controversies, Contrasts and Challenges. Conference Proceedings. Istanbul, Turquia: Urban and Environmental Planning Research Center, ITU, Vol. 2, 2010b, p. 503-516.

CHOAY, Françoise. **The Modern City: Planning in the 19th Century**. Tradução: Marguerite Hugo & George R. Collins. 5ª ed. Nova York: George Braziller, 1989.

FOUCAULT, Michel. *Of Other Spaces: Utopias and Heterotopias*. Publicado originalmente em **Lotus**, 48/9, 1985/6, p. 9-17. In LEACH, Neil (Ed.). **Rethinking Architecture. A Reader in Cultural Theory**. Londres: Routledge, 1997, p. 350-356.

McKENZIE, Evan. **Privatopia.** Homeowner Associations and the Rise of Residential Private Government. New Haven e Londres: Yale University Press, 1994.

MUMFORD, Lewis. **The City in History**. Harmondsworth: Penguin Books, 1973 (1961).

OLDENBURG, Ray. **The Great Good Place**. Cafes, Coffee Shops, Bookstores, Bars, Hair Salons and the Other Hangouts at the Heart of a Community. 3ª ed. (ampliada). Nova York: Marlowe and Company, 1999.

SCOTT BROWN, Denise (Org.). **Urban Concepts**. Londres: Academy Editions, 1990.

TERÁN, Fernando de. **Ciudad y Urbanización en el Mundo Actual**. Madrid: Blume, 1969.